

ADAPTAÇÃO LITERÁRIA E DIÁLOGOS INTERCRONOTÓPICOS NA SÉRIE DE STREAMING *THE CHOSEN*

Elisângela Silva Bispo Lima¹Yuri Andrei Batista Santos²DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2026.v19.50515>

RESUMO: Esta proposta reflexiva parte da teoria literária do cronotopo bakhtiniano para dialogar com os estudos do cinema e da adaptação. O objeto de análise é a série de streaming *The Chosen* (2017–), com produção ainda em continuidade. O artigo investiga como a construção e a representação dos heróis na série operam uma hipertextualização dos relatos evangélicos, articulando, por meio da jornada do herói, temas socialmente relevantes na contemporaneidade. Nesse sentido, o objetivo é analisar como as relações espaço-temporais e o valor axiológico-emocional configuram *The Chosen* como uma adaptação audiovisual capaz de responder às demandas socioculturais atuais. As análises concentram-se em temáticas como diversidade, minorias, igualdade de gênero e valores universais, mobilizadas a partir dos encontros entre Jesus e personagens como Mateus, Tiaguinho, Maria Madalena e Verônica. Metodologicamente, adota-se a análise de conteúdo, conforme Bardin (2016). O estudo ancora-se, principalmente, em Bakhtin (2018 [1937–1938]), Scheler (2012), Hutcheon (2011), Stam (2003) e Genette (2006). Os resultados indicam que a série promove uma reconfiguração intercronotópica dos evangelhos ao aproximar o tempo bíblico do horizonte contemporâneo, por meio da humanização das personagens e da atualização de seus conflitos, o que favorece processos de identificação e ressignificação por parte do espectador.

Palavras-chave: Adaptação; Cinema; Dimensões Cronotópicas; Teoria Dialógica do Discurso.

LITERARY ADAPTATION AND INTERCHRONOTOPIC DIALOGUES IN THE STREAMING SERIES *THE CHOSEN*

ABSTRACT: This reflective study draws on the Bakhtinian concept of chronotope within literary theory to establish a dialogue with film and adaptation studies. The object of analysis is the streaming series *The Chosen* (2017–), which is still in continuity. The article investigates how the construction and representation of heroes in the series operate as a form of hypertextualization of the Gospel narratives, articulating socially relevant themes in contemporary contexts through the hero's journey. In this sense, the study aims to analyze how spatiotemporal relations and axiological-emotional values

¹ Mestre em Linguagens e Representações pela Faculdade Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil. E-mail: lisabjaf42@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2135-6092>.

² Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil. E-mail: batista.yuriandrei@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3805-0586>.

configure *The Chosen* as an audiovisual adaptation capable of responding to current sociocultural demands. The analyses focus on themes such as diversity, minorities, gender equality, and universal values, that emerge through encounters between Jesus and characters such as Matthew, Little James, Mary Magdalene, and Veronica. Methodologically, the study adopts content analysis following Bardin (2016). The theoretical framework is mainly grounded in Bakhtin (2018 [1937–1938]), Scheler (2012), Hutcheon (2011), Stam (2003), and Genette (2006). The results indicate that the series promotes an interchronotopic reconfiguration of the Gospels by bringing biblical time closer to the contemporary horizon through the humanization of its characters and the updating of their conflicts, thereby fostering processes of identification and reinterpretation for the viewer.

Keywords: Adaptation; Cinema; Chronotopic Dimensions; Dialogic Discourse Analysis.

Introdução

A partir de análise minuciosa de gêneros da literatura grega, Mikhail Bakhtin (2018 [1937–1938]) definiu o cronotopo como a conexão essencial das relações entre tempo e espaço na construção da narrativa literária. Para o teórico russo, a importância do cronotopo é tão grande que ele se torna determinante para os gêneros literários. Em cada obra, o tempo e o espaço nunca são neutros, eles refletem a cosmovisão de uma época, assim como de um determinado lugar, povo, sociedade e do próprio autor.

Por ser uma categoria que espelha certo espaço-tempo histórico, o cronotopo é determinante no desenvolvimento das relações entre as personagens e de suas jornadas heroicas. O cronotopo também carrega um alto valor axiológico, com diferentes níveis de carga emocional, de acordo com Bakhtin (2018 [1937–1938]). Em razão disso, as relações entre espaço e tempo permitem compreender o texto criativo como uma obra dialógica, na qual diferentes vozes, tempos e contextos culturais se encontram. Esses elementos revelam a estreita relação entre o ficcional e o mundo real apreendido pela ficção.

A partir desta breve exposição, este artigo parte da teoria da literatura e do cinema para refletir sobre a construção intercronotópica da série *The Chosen* (2017). A obra escrita e dirigida por Dallas Jenkins adapta os evangelhos, propondo uma ampliação do discurso narrativo do texto literário bíblico. Com base no cronotopo de Bakhtin (2018 [1937–1938]), e na teoria literária e da adaptação, o objetivo desta proposta é analisar como as relações espaço-temporais de *The Chosen* (o cronotopo interno) dialogam com o contexto sociocultural do século XXI – o cronotopo externo de produção da obra, nos termos de Santos (2023).

Nossa premissa é a de que a discussão de pautas e valores sociais que atravessam a jornada dos heróis é intencionalmente considerada para alcançar o espectador. A diegese fílmica mobiliza diferentes pontos de vista e ressalta o atravessamento de múltiplas vozes que ampliam a discursividade narrativa dos evangelhos. Pelos dilemas vividos e materializados em tela, espectador e personagens se conectam pela autoidentificação. Isso sustenta o interesse do público até o fim, de acordo com Seger (2007).

Por ser uma produção extensa, com seis temporadas lançadas, nosso *corpus* se limita às três primeiras. Elas constroem arcos narrativos que dialogam com pautas sociais relevantes

na contemporaneidade, em sentido mais amplo: o lugar das minorias, relações étnico-raciais, preconceito religioso, misoginia e machismo. São esses temas que dilatam a narrativa épica e preenchem lacunas do texto literário, como explicaremos em outra seção. A discussão de temáticas sociais, em *The Chosen*, não apenas materializa o cronotopo interno, sustentando o argumento narrativo, como conecta o passado canônico ao século XXI. Mas, para que isso ocorra, o texto adaptado precisa ser dilatado.

Considerando que a obra em questão é extensa, delimitamos nosso *corpus* de análise a quatro personagens. Elas exemplificam como a construção das relações espaço-temporais nas três primeiras temporadas expande e reconfigura o discurso narrativo dos evangelhos. As personagens selecionadas representam diferentes marcadores sociais de gênero e lugar social: o discípulo Mateus, um autista que trabalha para Roma e sofre preconceito social por isto; o discípulo Tiaguinho³, um deficiente físico com baixa autoestima e dificuldades de autoaceitação; Maria Madalena, uma mulher com transtornos de ansiedade e depressão; e Verônica⁴, uma judia que sofre preconceito sociorreligioso por causa de uma hemorragia contínua, algo considerado impuro, de acordo com as leis judaicas da época.

As personagens mais humanizadas de *The Chosen* conferem à obra um caráter mais social do que propriamente ativista. Isso favorece também a emergência de reflexões críticas sobre as relações sociorreligiosas e político-culturais do espectador. Nesse sentido, a estratégia de Jenkins parece visar um público amplo e diversificado, incluindo indivíduos não necessariamente vinculados a práticas religiosas.

Para compreender como as relações espaço-temporais e a discussão de valores sociais constroem *The Chosen* como uma adaptação relevante, do ponto de vista sociocultural da contemporaneidade, partimos da premissa de que, ao retratar personagens socialmente marginalizadas, o drama épico materializa conflitos e dilemas vividos no mundo real. Ao fazê-lo, a série evoca nosso conhecimento de mundo, aciona memórias sociais compartilhadas e conecta o mundo ficcional às experiências vividas pelo espectador. Portanto, o cronotopo interno de sua narrativa funciona como um “simulacro discursivo da vida e do mundo”, conforme aborda Stam (2003, p. 229).

A análise das relações intercronotópicas de *The Chosen* também mobiliza os estudos de Genette (2006) sobre transtextualidades literárias, mas aqui aplicadas ao cinema. O foco é a hipertextualidade da série, ou seja, como a adaptação de Jenkins dilata os relatos dos evangelhos, ampliando a discursividade de suas narrativas. Tal conceito será discutido posteriormente no texto. Para esta proposta de artigo, adotamos como metodologia a análise de conteúdo, com descrição de cenas que detalham a construção do universo diegético das personagens do nosso *corpus*. O foco das análises exemplifica como o cronotopo interno da série dialoga tanto com o texto literário quanto amplia os relatos para reverberar temáticas sociais presentes no contexto externo de produção.

Além dos autores já mencionados, Bakhtin (2016), Genette (2006) e Stam (2003) e Scheler (2012), também nos aportamos em Santos (2023), Ramos, Santos e Torga (2024),

³ Episódio 2 da 3ª temporada, intitulado “Dois em dois”.

⁴ Episódio 5 da 3ª Temporada, intitulado “Limpo, Parte 2”.

Carrol (2008) e Seger (2007). Este artigo se organiza em três seções: na primeira, discutem-se os fundamentos teóricos do cronotopo e sua articulação com os estudos de adaptação; na segunda, analisa-se a dimensão axiológica na reconfiguração cronotópica da série *The Chosen*; e, por fim, apresentam-se análises de cenas selecionadas, com ênfase no cronotopo do encontro, a fim de evidenciar o funcionamento intercronotópico da adaptação.

1. Literatura e cinema – diálogos intercronotópicos

Literatura e cinema são campos artísticos que se constituem pela assimilação das relações do homem real com seu tempo e seu espaço real. Essas relações materializam e corporificam o mundo ficcional pela materialização dos eventos que tomam lugar no mundo real e histórico. No caso do cinema, desde seus primórdios ele tem fascinação por reconstruir tempos-espaços reais e históricos, sendo o passado “a única realidade inquestionável, a única a deixar marcas que podem ser relatadas e até ensinadas” (Carrol, 2008, p. 57).

As relações entre espaço e tempo na literatura grega são conceituadas por Bakhtin (2000; 2016) como cronotopo. Na teoria dialógica do discurso, no âmbito da criação e da recepção da obra há uma “infinidade de cronotopos e relações complexas entre eles”, que se inter-relacionam por entrelaçamentos ou confrontos, mas também coexistem na obra e fora dela, sem se fundirem ou se anularem. Daí o caráter da relação de interdependência dos cronotopos (internos e externos) ser, essencialmente, “dialógico” (Bakhtin, 2016, p. 229).

O conceito de cronotopo há décadas foi tomado emprestado por teóricos do cinema, no desenvolvimento de estudos da área, sob diferentes perspectivas de análise. Robert Stam (2003) é um dos teóricos que analisam a noção bakhtiniana de relações espaço-tempo nos filmes, e embora o conceito de cronotopo tenha vindo da literatura, ele funciona com maior relevância nos estudos teóricos sobre cinema, uma vez que somente em tela o espaço-tempo ficcional é “absolutamente literal” (p. 229). Para o autor, o cronotopo apresenta-se em diferentes camadas: nos eventos históricos representados em um determinado texto, nas relações entre tempo e espaço no interior diegético, bem como ao representar processos históricos e revelar a relação com as circunstâncias de produção da obra. O teórico também ratifica que o cronotopo narrativo, para além de materializar a diegese fílmica, pode funcionar intertextualmente ao dialogar com outras mídias e outras formas de arte (populares ou não).

No campo dos estudos discursivos, Santos (2023) propõe uma ampliação do conceito bakhtiniano, distinguindo três perspectivas inter-relacionadas: os cronotopos internos, referentes à história narrada; o cronotopo externo dos fatos relatados, relativo ao contexto que serve de referente aos acontecimentos; e o cronotopo externo do relato, correspondente ao tempo-espaço de produção e circulação da obra, no qual se inserem autor e leitor.

Ramos, Santos e Torga (2024) contribuem para o aprofundamento da abordagem cronotópica ao evidenciarem que a transposição de obras literárias para o audiovisual não implica apenas uma mudança de linguagem. Ela reconfigura as dimensões cronotópicas, na qual os tempos e espaços do texto de origem são reinterpretados à luz das condições de produção, das materialidades técnicas e das demandas socioculturais do novo meio.

Tal perspectiva reforça a importância de considerar a adaptação fílmica como um processo intercronotópico, no qual diferentes camadas de tempo-espço entram em diálogo. À luz dessa perspectiva, articulada às contribuições de Stam (2003), entendemos que o contexto de produção da série *The Chosen* influencia diretamente a construção das relações espaço-temporais de sua diegese.

Sendo o cronotopo aquilo que faz funcionar a narrativa contada, ele serve como mediador entre duas formas de experienciar o discurso narrativo: a real/histórica e a artística/ficcional (Stam, 2003). Portanto, as relações espaço-temporais dentro da narrativa, seja no cinema ou na literatura, são sempre uma “criação” (releitura) que transforma o mundo histórico para modelar novas “possíveis” realidades. Segundo Machado (1998, p. 34), a narrativa literária (e aqui estendemos para a cinematográfica) “é campo dialógico fértil, onde os discursos sobre o mundo se constituem”. Logo, entende-se que o dialogismo entre os cronotopos ocorre não dentro do universo diegético, mas fora dele, onde a expressão fílmica (a obra) funciona como representação que organiza a atividade mental dos interlocutores, ou seja, autor e espectador.

Observar adaptações dos evangelhos como *The Chosen*, que partem de um mesmo texto-fonte, por exemplo, nos permite destacar como o contexto cultural que envolve o cronotopo externo da produção é determinante na construção do discurso narrativo da obra, qualquer que seja a mídia para a qual se adapta (Hutcheon, 2011). As várias versões dos filmes adaptados dos evangelhos revelam distintas formas de apreensão dos roteiristas e diretores, para tornar suas obras algo “único”, atualizado em função das condições do repertório de linguagem e do contexto de produção em que tais obras se inserem ou inseriram.

Em *The Chosen*, novamente para exemplificar, o universo feminino traz a representação de mulheres que vivenciam dramas pessoais e sociais, comuns no contexto judaico do primeiro século d.C. Discutem-se temas como machismo, depressão, misoginia, que são dilemas que atravessam a jornada dessas mulheres e determinam suas trajetórias. Tais heroínas são símbolos de estigmas sociais que historicamente têm marginalizado e oprimido mulheres ao longo dos séculos.

Assim, a série estabelece uma conexão entre o contexto histórico dos evangelhos, sua representação no universo diegético e a realidade vivida no mundo real. Pelas relações intercronotópicas, *The Chosen* evidencia como determinados mecanismos de exclusão social atravessam a história e se projetam até os dias atuais. Segundo Dallas Jenkins, diretor e principal roteirista da série, o estudo do contexto cultural da época de Jesus possibilitou criar enredos que se apresentassem de maneira plausível para o espectador contemporâneo⁵. Dessa perspectiva, inferimos que *The Chosen* foi pensada como uma nova forma de ampliar e materializar, semioticamente, a mensagem dos evangelhos bíblicos.

⁵ CARNEIRO, Raquel. Criador de *The Chosen* fala sobre “Jesus humanizado” na série bíblica pop. *Veja*, 13 maio 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/columa/em-cartaz/criador-de-the-chosen-fala-sobre-jesus-humanizado-na-serie-biblica-pop>. Acesso em: 29 mar. 2026.

As relações intercronotópicas da série *The Chosen*, até aqui discutidas à luz de Bakhtin (2006) e Santos (2023), Ramos, Santos e Torga (2024) dialogam com as transtextualidades, de Gérard Genette (1989). O teórico propõe cinco derivativos para explicar os atravessamentos de vozes entre literatura e cinema: intertextualidade; paratextualidade; metatextualidade; arquitekstualidade e hipertextualidade. De todas as transtextualidades genettianas, a hipertextualidade é a que melhor explica a construção narrativa dos escolhidos.

Para Genette (1989), a hipertextualização ocorre quando o hipertexto (texto derivado) modifica/amplia um texto anterior, o hipotexto. Assim, hipertextualizar é uma forma de transcender, fazendo surgir “o novo do velho”. Na concepção genettiana, um hipertexto pode ser melhor apreciado que o objeto que ele amplia. Isso não significa uma separação entre os objetos (obras). A co-presença do novo e do velho em um só produto é o que torna a “nova” obra distinta e apreciável em suas características, transcendendo o texto anterior.

Enquanto outras produções que adaptaram os Evangelhos optaram por uma representação linear dos relatos, centrando-se em na missão redentora de Jesus (de caráter espiritual), *The Chosen* utiliza o recurso da hipertextualidade para (re)criar a sua versão das narrativas dos evangelhos em formato episódico, multiprotagonista e mais humanizado, como dissemos anteriormente. Embora a trama épica seja uma adaptação livre, a maior parte da narrativa consiste na liberdade criativa do autor, tanto para acrescentar personagens e fatos não relatados, quanto para preencher lacunas que visam contextualizar tais fatos.

Assim, considerando as relações entre o espaço-tempo da obra e o contexto externo no qual ela se insere, *The Chosen* funciona como hipertextualização dos evangelhos quando amplia a discursividade narrativa do texto literário na representação de temáticas sociais que aproximam o espectador da obra materializada em tela. Sua narrativa humanizada aciona diversas emoções do espectador, funcionando como um convite à identificação com os diversos heróis e heroínas. Deste ponto de vista, infere-se que o fã de *The Chosen* vem financiando a obra, desde 2017, porque o dialogismo proposto por sua narrativa é eficaz no engajamento do espectador. A resposta financeira do público é um importante *feedback* para os estudos de recepção. Dois autores da adaptação corroboram para sustentar esse o argumento.

Para Noël Carroll (2008, p. 153), “A capacidade de responder emocionalmente às ficções está enraizada na capacidade [...] de o sistema emocional [ser] despertado não apenas por aquilo em que acreditamos, mas também por aquilo que imaginamos”. Por sua vez, Linda Seger (2007) argumenta que, quanto mais humanizado, coerente e verossímil for o simulacro, e quanto melhor for a argumentação narrativa, maior será a tendência do público de se engajar com a obra. A autora ainda sugere que o adaptador deve buscar encontrar nas histórias reais os elementos que servem como boas razões para fundamentar a história a ser contada em tela.

Partindo da argumentação de Seger, é possível compreender que a representação evangélica de *The Chosen*, abordando temas como minorias, tolerância religiosa e igualdade de gênero, segue a proposta de se fundamentar em elementos reais. Portanto, entendemos que o cronotopo externo à produção de *The Chosen* influencia o resultado final da obra. Essa perspectiva permite compreender que o épico dramático de Jenkins reinscreve o cronotopo

literário bíblico em tela, materializando sensibilidades socioculturais contemporâneas. Isso produz uma rede de relações intercronotópicas entre o passado narrado e o presente do espectador, como já afirmamos.

Seja como for, tais temáticas permeiam a narrativa dos evangelhos (c.f. João 4:1-42; Lucas 10:25-37, 14:12-14; Mateus 8:5-13, 15:21-28; Marcos 2:15-17). Os evangelistas relatam encontros e discursos/sermões de Jesus que tratam de tolerância religiosa e cultural, respeito aos marginalizados e às mulheres e diversidade étnica. Existe, portanto, um diálogo entre o texto canônico e sua adaptação em tela que espelha o presente da contemporaneidade.

Para Bakhtin (2018 [1937–1938], p. 230), na apreensão das relações do mundo real, autores, críticos, leitores ou espectadores participam do “mundo criador” da obra e cooperam para a (re)criação e renovação desse mundo. Portanto, ao abordar temáticas que pautam discursos políticos e culturais da atualidade, a série renova a narrativa literária dos evangelhos. Ela produz novos significados para um público frequentemente acostumado a interpretar os textos sagrados como misóginos, machistas ou intolerantes à diversidade religiosa, por exemplo.

Para encerrar esta abordagem sobre o cronotopo bakhtiniano, na série *The Chosen*, destacamos o cronotopo do encontro. Ele é de central relevância na discussão de Bakhtin, frequentemente associado ao espaço da estrada. Enquanto o cronotopo da estrada enfatiza a dimensão espacial, o cronotopo do encontro é marcado pela predominância do matiz temporal e se distingue por um “alto grau axiológico-emocional” (Bakhtin, 2018 [1937–1938], p. 218).

De modo geral, o encontro e a estrada revelam necessidades distintas, inscritas nas idas e vindas da vida cotidiana. Esses cronotopos evidenciam e confrontam diferentes condições histórico-culturais, expondo, narrativamente, reveses, desafios e pontos de virada. A estrada, ao mesmo tempo em que sinaliza separações e deslocamentos, possibilita o cruzamento de destinos por meio dos encontros. Em *The Chosen*, os encontros que se dão entre Jesus e as demais personagens são de grande intensidade axiológico-emocional. Geralmente os encontros acontecem em meio a dramas pessoais, preconceitos e problemas de ordem social ou financeira. Esses momentos expõem, principalmente, as vicissitudes da natureza humana, rompendo com o imaginário de perfeição moral e caráter impoluto dos apóstolos bíblicos.

Para Vogler (2006, p. 76) uma construção narrativa mais humanizada, com uma jornada heroica bem estruturada, provoca a sensação de que herói e espectador são “iguais”. Nessa direção, a noção de cronotopo não pode ser dissociada de sua dimensão axiológica, uma vez que as relações espaço-temporais que estruturam a narrativa são sempre atravessadas por valores, afetos e posições ideológicas.

Em Bakhtin (2018 [1937–1938]), o cronotopo não se limita a organizar os eventos no tempo e no espaço, mas também orienta a forma como esses eventos são vividos, avaliados e significados pelas personagens e pelo auditório. Assim, cada configuração cronotópica implica uma determinada carga axiológica-emocional, que define o modo como o mundo representado se apresenta como significativo. Desse modo, ao analisar o cronotopo, analisam-

se simultaneamente os valores que circulam na obra, uma vez que tempo e espaço narrativos são inseparáveis das formas de valoração que constituem o discurso.

2. O valor universal em *The Chosen*

A inseparabilidade do cronotopo do encontro e o da estrada, na série *The Chosen*, funciona em relação direta com o valor axiológico de carga emocional. A axiologia é o ramo da Filosofia que estuda o valor atribuído aos objetos naturais, físicos, culturais e psíquicos, que são emoções e sentimentos.

Na Filosofia e no Direito, o elemento axiológico tem valor objetivo ou subjetivo e regula a vida social. Eles moldam a cosmovisão do sujeito, embora não sejam imperativos, posto que são assimilados de modos distintos pelos indivíduos. Dentre os valores axiológicos, os mais discutidos em *The Chosen* são: justiça, verdade, tolerância, paz e dignidade. Estes valores, em cena ou na vida real, não apenas guiam as ações individuais e coletivas, como também normatizam a vida social. E a história prova que o desenvolvimento do valor está diretamente vinculado à evolução do homem e da sociedade. Eles moldam a própria construção da consciência humana.

Para Fermentão e Lessa (2020, p. 1), “Os princípios proporcionam conceber não apenas a distinção entre o bem e o mal, mas também um método para a construção de um ideal almejado”. De acordo com os autores, valores morais e sociais resultam de situações de crise que permitem uma elevação da consciência do ser. Outros filósofos importantes que abordam os valores são Immanuel Kant, focando valores éticos a partir da intenção da ação e não dos resultados; Max Scheler, que é considerado o fundador da fenomenologia dos valores, para quem eles estão organizados emocionalmente em hierarquia/categorias: sensíveis, vitais, espirituais e religiosos; e John Dewey, que relacionou os valores à experiência humana e ao contexto social. Para nossa abordagem, adotamos a perspectiva de Scheler (2012) para exemplificar como o valor axiológico funciona na série *The Chosen*.

Ao falar sobre amor e ressentimento, por exemplo, o teórico faz uma comparação entre as concepções grega e cristã de amor. Enquanto no âmbito grego o amor seria um “aspirar do mais baixo para o mais alto”, o amor cristão inverte a lógica, pelo fato de o “nobre inclinar-se de onde está para baixo, onde encontra-se o plebeu; deste mesmo modo, o saudável inclina-se para o doente, o rico para o pobre, e o messias para os pobres e pecadores” (Scheler, 2012, p. 92).

The Chosen segue nesta mesma perspectiva. A despeito das questões dogmáticas do cristianismo, a obra enfatiza a concepção divina de bem, de justiça e de paz – valores universais defendidos pelo cristianismo, que corroboram para o bem comum. Na série, Jesus é representado como personificação dos valores universais ideais. No entanto, embora o valor seja universal (e tenha sempre como finalidade o bem coletivo), a interpretação dele é de caráter particular. Dos valores sociais universais, compaixão, desejo de aceitação, empatia e justiça social são os que mais desempenham papel central em nosso *corpus* de análise.

Na jornada dos heróis escolhidos, esses valores são representados de modo a transcender barreiras culturais e religiosas entre obra e espectador. Qualquer que seja a perspectiva ideológica defendida pelo homem contemporâneo, os valores universais são fundamentais para se alcançar a tão sonhada sociedade igualitária, com respeito pacífico às diferenças.

Em *The Chosen* observa-se que a representação do povo judeu, por exemplo, simboliza a materialização de discursos preconceituosos. Os estrangeiros, especialmente romanos e samaritanos, simbolizam (universalmente) o objeto do preconceito. Quando, contudo, um episódio apresenta cenas em que Pedro, um judeu, e um soldado romano trabalham juntos⁶, conversando respeitosamente, apesar do distanciamento físico por questões religiosas, a narrativa põe em evidência a questão da alteridade e do respeito às diferenças.

O universo feminino de *The Chosen* também carrega valores que reverberam a contemporaneidade. Mulheres como Fotina (uma mulher divorciada), Tamar (uma estrangeira empoderada) e Éden, esposa de Pedro, de personalidade forte e impulsiva, são construções que retratam as diferentes formas de sofrimento feminino, mas também de cura emocional e gradativa. Para cada uma das mulheres de *The Chosen*, uma temática particular é abordada: misoginia, machismo, xenofobia, empoderamento financeiro, maternidade, divórcio.

Na representação dos encontros de Jesus com os mais diversos tipos de pessoas, os discípulos são treinados para desaprender práticas sociais e religiosas que limitam a relação deles com a alteridade. Algumas vezes, seu treinamento envolve confrontar valores da tradição farisaica, que moldam a percepção de mundo deles. Fazem parte da (des)aprendizagem os embates pessoais entre os discípulos e entre eles e os “outros”. Como parte do processo de amadurecimento emocional e social, as discussões e os desentendimentos levam os escolhidos à (des)construção de si mesmos. Refletir sobre o respeito ao outro, na concepção do Jesus, é fundamental para o bem-estar dos relacionamentos sociais.

O valor axiológico presente no cronotopo do encontro, conforme apresentado por Bakhtin (2018 [1937–1938]), influencia a perspectiva da narrativa, que por sua vez é influenciada pela cosmovisão de quem adapta. Mas a percepção do valor também será influenciada pelo ponto de vista ético e estético de quem produz/dirige.

No caso de *The Chosen*, seu adaptador é também seu produtor, portanto, o posicionamento religioso e a cosmovisão de Dallas Jenkins interferem diretamente na construção da série. Além disso, Jenkins é pai de duas jovens, sendo uma delas autista, e pai adotivo de um adolescente latino. Sua visão de mundo, portanto, se reflete na humanização⁷ das personagens, com foco especial na valorização da mulher e na inclusão de personagens com deficiência física e com autismo.

⁶ Temporada 3, Episódio 5, intitulado “Limpo”.

⁷ CARNEIRO, Raquel. Criador de *The Chosen* fala sobre “Jesus humanizado” na série bíblica pop. *Veja*, 13 maio 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/em-cartaz/criador-de-the-chosen-fala-sobre-jesus-humanizado-na-serie-biblica-pop>. Acesso em: 29 mar. 2026.

A série também ressalta a valorização dos marginalizados sociais nos tempos da Palestina bíblica: prostitutas, divorciadas, cobradores de impostos, estrangeiros e pessoas com doenças contagiosas ou consideradas impuras cerimonialmente, como era o caso da mulher menstruada. Tais pessoas, na literatura dos evangelhos, são foco de especial atenção nos encontros com Jesus. Na adaptação de Jenkins, o cronotopo do *encontro* é hipertextualizado a partir dessas personagens, evidenciando valores como empatia e justiça social. Esses são alguns dos valores que mais se destacam entre os ensinamentos de Jesus.

Quando o cinema faz reverberar elementos axiológicos em suas dimensões espaço-temporais, que refletem “o cronotopo externo dos fatos relatados e externo dos relatos” (Santos 2023, p. 61), tal transmidiação funciona como amplificadora de discursos sociais. Portanto, o cronotopo interno é moldado e construído a partir do real apreendido, funcionando como um “simulacro discursivo da vida e do mundo” (Stam, 2003, p. 229).

3. Marcas do cronotopo do encontro em *The Chosen*

Para Linda Seger (2007)⁸, tão importante quanto o *que dizer* é o *como dizer*. O tom narrativo, o estilo, o clima e o ambiente diegético são características que geram respostas emocionais no público. A forma como o filme diz o que diz intensifica a experiência do seu público, mediando a subjetivação entre o real e o artístico. Partindo de *como The Chosen* conta em tela a sua versão dos evangelhos, escolhemos alguns encontros que ocorrem na trama, que bem exemplificam a representação de certas temáticas sociais da contemporaneidade. O espaço-tempo desses encontros carregam valor axiológico com alta carga emocional.

Os encontros entre Jesus e algumas personagens de *The Chosen*, à luz dos estudos sobre o valor, reque um mínimo de compreensão do espaço-tempo real dos relatos bíblicos. Wilson Paroschi (2018), teólogo adventista com pós-doutorado em Novo Testamento, em seu livro *Atos – o triunfo do Evangelho*, comenta que desde sua formação como povo, “os judeus traçaram uma linha sociorreligiosa divisória entre eles e os demais povos” (p. 55). Tal demarcação separava a humanidade em dois grupos: judeus e gentios. A expressão “gentio” era “um rótulo de escárnio, tão vergonhoso quanto ser publicano⁹” (Paroschi, 2018, p. 55). Na série *The Chosen*, a visão exclusivista de superioridade étnica e religiosa do povo judeu mais enfatizada na construção das personagens religiosas como os fariseus e mesmo em algumas cenas em que os discípulos fazem comentários xenófobos contra samaritanos (episódio 1 da segunda temporada).

Metodologicamente, para compreendermos as marcas do cronotopo na série e as relações que elas estabelecem com o seu contexto social de sua produção, começaremos

⁸ A autora comenta sobre a importância de definir um estilo, um clima e um tom para que a história a ser contada seja comercialmente viável. O comentário pode ser verificado na página 195, na versão espanhola.

⁹ “Publicano” é um termo pejorativo para o judeu do primeiro século, usado para designar o cobrador de impostos para Roma.

analisando a trajetória do discípulo Mateus, nas três primeiras temporadas. A construção da jornada desse herói é um bom exemplo de hipertextualização dos evangelhos na adaptação de Dallas Jenkins para as telas. No primeiro episódio, da primeira temporada, Mateus surge contextualizado em um ambiente íntimo e com traços característicos que indiciam o transtorno do espectro autista (TEA). Suas roupas e empregados à disposição indicam boa condição financeira. Mas, seu status social é questionado quando, ao sair de casa para o trabalho, o jovem esconde-se das pessoas nas ruas e seu transporte até o trabalho é clandestino, para não ser reconhecido. Essa “fuga dos olhares” materializa a condição de exclusão social em que vivia um judeu que trabalhava para Roma cobrando impostos – o famoso *publicano*. Nos relatos bíblicos, Mateus figura brevemente em não mais que três versos. É mencionando nominalmente nos três primeiros livros dos Evangelhos: no relato chamado *Banquete com publicanos* (Mt. 9:9; Mc 2:14; Lc. 5:27–28) e depois na *Lista dos apóstolos* (Mt. 10:2–4; Mc 3:16–19; Lc. 6:13–16). Na adaptação de *The Chosen*, essas poucas informações literárias sobre Mateus em consonância com estudos antropológicos e históricos do povo judeus, servem como *background* para construir a jornada desse herói.

A informação mais relevante sobre o discípulo mencionada nos evangelhos certamente é a referência como um ex-cobrador de impostos. Essa informação sugere um alto padrão de vida. Portanto, a série constrói todo um universo diegético do que seria a vida de um judeu rico na sociedade de então: empregados, muitas roupas à disposição, transporte pago e um banquete oferecido a muitas pessoas. Mas, além da vida de riqueza, o coletor de impostos para Roma sofria o preconceito da rejeição social.

Ao longo da primeira temporada, a personagem Mateus está presente em todos os episódios. O cronotopo interno materializa as relações sociais conflituosas que envolviam a vida dos publicanos de diversas formas: desprezo social, rejeição familiar, acesso negado às práticas religiosas, escárnio dos seus compatriotas. O final do sexto episódio da primeira temporada é o ponto de virada na jornada do herói Mateus. O chamado messiânico para ingressar ao grupo dos discípulos muda completamente sua vida.

O sétimo episódio da primeira temporada começa com a cena do jantar oferecido a Jesus e seus discípulos, na casa do ex-cobrador de impostos. Essa forma de preenchimento de lacunas do texto canônico, adotada em *The Chosen*, cria um universo contextual para justificar fatos relatados nos evangelhos, dilata o texto-fonte para o formato episódico e estabelece novas camadas de sentido, que conectam cinema, literatura e espectador. Na cena em que Jesus chama o jovem coletor pelo nome de família: “Mateus, filho de Alfeu, siga-me!”¹⁰, a referência ao nome do pai indicava uma tentativa de restaurar sua condição sociofamiliar. O preconceituoso e rancoroso discípulo Pedro, no entanto, questiona a atitude de Jesus.

Do ponto de vista judaico, depois dos romanos e dos samaritanos, o cobrador de impostos era a pessoa mais odiada pelos judeus. Portanto, o argumento de Pedro não soa arrogante. Era preferível ser um jogador, bebedor, trapaceiro e endividado do que ser um

¹⁰ Cf. Episódio 7, Temporada 1, intitulado *Orelhas para ouvir*. Tempo: 32m59s- 33m03s.

cobrador de impostos. Logo, o convite de Jesus é absurdamente radical, e sua resposta para Pedro, que se julga ser uma pessoa “diferente” de Mateus, ressoa como um convite à reflexividade: “Acostume-se com o diferente”¹¹. A partir desse momento, Simão Pedro começa a perceber que sua visão exclusivista de mundo é completamente diferente da cosmovisão inclusiva de Cristo.

Nessa sequência de cenas, as fronteiras do preconceito e do ódio começam a ser rompidas. O encontro de Mateus com seu futuro mentor é tão significativo para ampliar a cosmovisão dos discípulos que já abre as portas do aprendizado para o futuro encontro do grupo com os samaritanos, outras pessoas muito odiadas pelos judeus. Portanto, aceitar Mateus no grupo era fundamental não somente para a reintegração total desse sujeito à vida civil e religiosa como também para o processo de amadurecimento socioespiritual dos discípulos.

Outro aspecto fundamental que caracteriza a personagem Mateus, na série, é o fato de ser portador transtorno do espectro autista (TEA). Tal personagem, desde o início da primeira temporada, simboliza como o discurso narrativo pode ampliar discussões importantes sobre os conflitos e as necessidades humanas que tensionam as relações sociais. A condição de TEA é agravada em tela pela má reputação de Mateus como cobrador de impostos, um estigma que vai carregar até à quarta temporada, quando o discípulo Pedro, considerado o líder do grupo, finalmente decide perdoar e aceitar Mateus como uma pessoa arrependida e convertida a uma nova vida.

Essa atitude de Pedro acontece 32 episódios à frente, depois de muitas palavras e atitudes contra Mateus, que demonstravam a todos do grupo que sua presença era um incômodo. O longo tempo que leva sugere ao espectador que, na prática, liberar perdão é algo muito difícil e processual. A jornada de Mateus, nas quatro primeiras temporadas, é de alto valor axiológico-emocional. Tal discípulo não apenas é visto como uma pessoa “esquisita, diferente”, como tem que encarar, todos os dias, o desprezo familiar e social por ter se tornado um cobrador de impostos para os romanos. Para nos dar a real dimensão da relação do povo judeu com os publicanos, de acordo com a Biblioteca Virtual Judaica,

À medida que a carga tributária se tornou cada vez mais intolerável, o coletor da fazenda ou coletor de impostos tornou-se uma personalidade mais odiosa e temida (cf. Sanh. 92b, onde um gabai é comparado ao urso em Amós 5:19). Às vezes, eles até conseguiram extrair pagamentos por meio de tortura (ver Num. R. 17:5; cf. Philo, Spec. 3, 153-63). Sendo tão impopular, o trabalho do coletor não era fácil; na verdade, às vezes ele corria grande risco pessoal, pois era muito provável que uma população enfurecida o linchasse (Gn. R. 42:4)¹².

¹¹ Cf. Episódio 7, Temporada 1, intitulado *Convites*. Tempo: 34m24s – 34m26s.

¹² No original: “As the burdens of taxation became ever more intolerable, so did the tax farmer or collector become a more hateful and dreaded personality (cf., Sanh. 92b, where a gabai is likened to the bear in Amos 5:19). At times they even contrived to extract payments by torture (see Num. R. 17:5; cf. Philo, Spec. 3, 153–63). Being so unpopular, the collector's job was no easy one; indeed at times he ran great personal risk, as an enraged populace was quite likely to lynch him (Gen. R. 42:4)”. In: JEWISH VIRTUAL LIBRARY. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/tax-gatherers>. Acesso em: 30 mar. 2026.

Classificados como “ladrões” pela lei talmúdica, tais pessoas eram desqualificadas até mesmo para atuar como testemunhas¹³. Nem o seu dinheiro deveria ser aceito para caridade, tamanha era a ojeriza, e mesmo Jesus fez referência a esse ódio expresso contra os publicanos (Mateus 18:17). Esse rechaço excluía os coletores de impostos tanto da vida civil-religiosa quanto da consciência familiar.

Para Stuart Hall (2016, p. 197), limites simbólicos são usados como forma de definir categorias de pureza “e dão às culturas significados e identidades únicas”. O autor cita o exemplo da terra de jardim sobre um móvel. A terra tem sua utilidade se estiver no jardim, mas sobre um móvel “a matéria está fora do lugar”. A “matéria fora do lugar” é justamente o que gera a desestabilização cultural. Portanto, do ponto de vista do social, para que haja o restabelecimento do equilíbrio, é preciso devolver a matéria ao seu lugar original, varrê-la para fora, até que a ordem do local seja restaurada “ao estado normal das coisas”.

Em *The Chosen*, Mateus funciona como uma metáfora da matéria fora do lugar. Na época de Cristo, um judeu que trabalhava para o inimigo romano era considerado um traidor da pátria, e as consequências desse estigma eram a rejeição pátria e a total exclusão social e religiosa. Contudo, ao convidá-lo a integrar o grupo de seus discípulos mais próximos – contrariando, sobretudo, Pedro –, Jesus parece justamente buscar recolocar essa “matéria” em um novo lugar, promovendo uma reconfiguração simbólica e social da posição de Mateus. Ao fazê-lo, não apenas a trajetória da personagem é transformada, mas também desloca o olhar dos demais discípulos em relação aos publicanos, tradicionalmente considerados pecadores.

Além disso, o discípulo Mateus é representado como uma pessoa autista, funcionando como um marcador de representação das pessoas atípicas e das dificuldades que enfrentam para sua inserção social. Em entrevista a *Veja*¹⁴, Jenkins afirmou ter se inspirado em familiares com transtorno do espectro autista (TEA) para construir a personagem. Tal escolha configura-se como um convite ao espectador para (re)pensar o lugar social atribuído às pessoas atípicas e com deficiência. Embora o discurso contemporâneo valorize o respeito às diferenças e à acessibilidade, na prática, os avanços em termos de igualdade de direitos ainda são limitados.

Dotado de uma inteligência matemática acima da média, Mateus escolhe trabalhar como cobrador de impostos para os romanos, inimigos do povo judeu. A pressão social sobre indivíduos considerados desviantes ou excluídos era tão intensa que poucos ousavam defendê-los, temendo sanções religiosas e sociais. Esse contexto explica as críticas dirigidas a Jesus por parte de alguns líderes religiosos quando ele participa de um jantar na casa de Mateus. Mesmo após deixar de trabalhar para Roma, o estigma social associado à sua figura persiste.

O discípulo Tiaguinho é outra representação de inclusão social na série. Sua construção muito expressiva e significativa simboliza em tela o tema da deficiência física,

¹³ No original: “Since both mokhesim and gabba'im were classed with "robbers," talmudic law disqualified them from acting as witnesses (Sanh. 25b).”. In: JEWISH VIRTUAL LIBRARY. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/tax-gatherers>. Acesso em: 30 mar. 2026.

¹⁴ Cf. entrevista disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_V-yhdlfrag. Acesso em 30 mar. 2026.

uma condição própria do ator Jordan Ross, que interpreta a personagem. O diretor Dallas Jenkins expõe que só tomou consciência da limitação física do ator no primeiro dia de gravação¹⁵, e comenta que considerou dispensar o ator, mas reavaliou a decisão. Eles optaram por incorporar a deficiência física como uma condição da personagem, demonstrando que Jesus era uma pessoa inclusiva, em sua concepção. Tal decisão exigiu não apenas uma readaptação do roteiro do universo da personagem Tiaguinho, como também ampliou o tema da diversidade na série.

No diálogo que ocorre entre Jesus e Tiaguinho¹⁶, esse discípulo declara sua baixa autoestima e inadequação em relação aos demais apóstolos, fortes, ágeis e sempre falantes ou com perfil para liderança, como Pedro e João. Segurando uma vara que serve como muleta, Tiaguinho questiona ao Messias o porquê de não ter sido curado. Tal cena não consta dos relatos literários, portanto, sua significação extrapola o texto. A personagem Jesus deixa claro que pode realizar a cura física do apóstolo, a partir de um milagre. Entretanto, o diálogo entre as personagens subverte a realidade de promessas milagrosas, destacando a importância da autoaceitação e da resiliência diante do sofrimento.

Ao salientar que nem todos experimentarão a cura física, Jesus rompe com expectativas tradicionais de muitos discursos religiosos, que prometem resoluções milagrosas para o sofrimento. O Messias propõe ao seu discípulo manco uma abordagem mais complexa para questões que envolvem a espiritualidade, centrada numa compreensão mais subjetiva do indivíduo em relação à sua fé.

A cena conecta literatura, ficção e realidade, materializando em tela os dilemas reais de pessoas que lidam diariamente com a deficiência ou a incapacitação física. O diálogo de tom intimista traz a perspectiva de um Jesus inclusivo, o que gera identificação entre público e personagens e, por extensão, aproxima o espectador dos dilemas da vida real. Isso fortalece o vínculo de empatia entre a narrativa e o público, mas também funciona como um lembrete ao espectador, especialmente ao público cristão, de que a caminhada da fé envolve, algumas vezes, mais renúncias, sofrimentos e dificuldades do que bonanças.

Por meio dos diálogos, dos recursos técnicos, artísticos, sonoros, estilísticos, do uso evocativo das palavras, a obra pode produzir “um tremor de sentidos” ou o abalo em nossa capacidade de interpretação simbólica ou de fazer associações, provocando “ondas de choque [que] prosseguem por muito tempo depois do contato inicial” (Todorov, 2009, p. 78). Assim como a literatura pode muito, também o cinema tem grande poder de influência sobre o mundo contemporâneo. A literatura “pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (Todorov, 2009, p. 76).

¹⁵ Matéria *Sabia que Tiaguinho tem uma Deficiência Física em The Chosen?*. THE CHOSEN – OS ESCOLHIDOS. Disponível em: <https://oscolhidos.tv/sabia-que-tiaguinho-tem-uma-deficiencia-fisica-em-the-chosen/#:~:text=Ao%20invés%20de%20trocar%20o,El%20concordou%20com%20a%20ideia.&text=Na%20entrevista%20ao%20Deadline.com,os%20transformamos%20em%20algo%20emocionante>. Acesso em 8 abr. 2026.

¹⁶ Cf. Episódio 2, Temporada 3, intitulado “Dois em dois”. Tempo 53m52s.

O pensamento todoroviano se estende na compreensão de importância e dos impactos positivos que o cinema, especialmente de adaptação, pode trazer sobre a sociedade. Se, para Todorov (2009, p. 76), a literatura “pode [...] nos transformar a cada um de nós a partir de dentro”, produções cinematográficas adaptadas de textos canônicos como *The Chosen* podem funcionar como meio de “transformação” do ser. O teórico chega a afirmar que a realidade aspirada pelo texto literário é tão somente a compreensão daquilo que o ser humano experiencia. Embora o cinema (especialmente o hollywoodiano) seja essencialmente comercial, ou seja, sua preocupação é com a bilheteria, não podemos ignorar que os filmes de sucesso se apropriam da experiência real humana para ressignificá-la em tela, através da jornada de seus heróis.

Por fim, encerrando nossas análises exemplificativas do cronotopo do *encontro* na série *The Chosen* e o valor axiológico que ele aborda, temos o protagonismo feminino, outro destaque da obra. No universo diegético de Jenkins, mulheres também figuram no hall dos heróis escolhidos pelo Messias. Conforme registros encontrados nos evangelhos, algumas mulheres, nomeadamente, fizeram parte direta do grupo de seguidores mais íntimos de Jesus, ou seja, estavam muito presentes em suas viagens. Portanto, Dallas Jenkins nada mais faz do que ressaltar no cinema o que está flutuante no literário.

Uma das maiores lutas da mulher contemporânea ainda é pelo reconhecimento da igualdade de direitos e de suas capacidades/habilidades frente aos homens. Portanto, o gesto perceptual de *The Chosen* de introduzir personagens femininas atuantes e com destaque em muitos momentos advoga em favor da valorização que Jesus deu à mulher, a partir dos encontros com tais pessoas. O primeiro destaque do universo feminino é que, apesar das particularidades, todas as mulheres em *The Chosen* apresentam personalidades mais fortes do que a tradicional ideia de mulher bíblica frágil e submissa. Elas são mais independentes, empreendedoras, decididas, tramam, choram, cuidam e, a despeito disso, não destoam do contexto cultural da época, uma vez que também se submetem aos costumes e tradições judaicas, por respeito ou por interesses pessoais.

Algumas vezes essas mulheres são humilhadas, como acontece na contemporaneidade, mas também desafiam as convenções sociais e poderes políticos, como é o caso da personagem Herodias, mulher ilegítima de Herodes, que trama a morte de João Batista e consegue êxito usando a sensualidade de sua filha Salomé, de acordo com a tradição. Por outro lado, elas demonstram a doçura do toque, o conselho sábio, o acolhimento aos mais fragilizados; são menos preconceituosas socialmente com os não judeus. Outro exemplo ocorre na representação de Maria Madalena como uma mulher empreendedora, útil ao ministério de Jesus, o que reforça a ideia de que é possível superar os traumas da violência sexual e de gênero bem como os desafios da depressão.

A personagem Verônica, em sua condição de mulher impura cerimonialmente, por causa de uma hemorragia menstrual de muitos anos, é o exemplo da heroína que encontra sua “redenção” (cura, libertação das dores do corpo e da alma) a partir do encontro com Jesus. Ela personifica a resiliência de quem aceita sua condição enquanto persevera na busca pela solução do problema. Ao desafiar as tradições farisaicas referentes ao isolamento social da

mulher no seu período menstrual, passando por entre uma multidão para tocar Jesus, Verônica personifica o herói que enfrenta todos os obstáculos para obter a recompensa almejada. A cena de seu encontro com Jesus tem alto valor axiológico emocional. Uma mulher em sua condição não poderia tocar nenhum homem, de acordo com as tradições judaicas.

Subvertendo as convenções sociais, Jesus não apenas se permite ser tocado por Verônica como ainda a chama de filha¹⁷, dando-lhe um senso de pertença. A expressão *filha* retoma um diálogo anterior entre Verônica e Éden, esposa de Pedro, quando a enferma declara ter sido rejeitada por sua família, já que na lei judaica, o sangramento constante tornava a mulher cerimonialmente impura.

Verônica, ao ouvir o tratamento afetuoso de Jesus, desabafa: “Não sou filha de ninguém”¹⁸. Jesus então se abaixa, colocando-se no mesmo nível da humilhada mulher. Ele não apenas conversa com ela, como também toca em Verônica, indicando para toda a multidão em volta, especialmente para seus discípulos, que a impureza está na hipocrisia do coração que despreza, segrega e condena. Tanto Verônica quanto Jesus quebram as convenções culturais em nome do valor universal do bem e da justiça social.

Semioticamente, todas essas mulheres funcionam como símbolos de estigmas que marginalizam, deprimem e oprimem milhões de pessoas mundo afora, mas mulheres e crianças em especial. Todos os dilemas vividos por essas mulheres aproximam o passado do presente, se discutirmos os temas a partir da perspectiva contemporânea. Vivemos em um mundo onde milhões de mulheres ainda vivem as dificuldades físicas, os tabus e a pobreza sanitária durante o ciclo menstrual, pela falta de acesso a absorventes higiênicos e água potável para a higiene pessoal. Mulheres que se envolveram em algum tipo de prostituição ainda são objetos de preconceito e julgamentos, inclusive por parte de outras mulheres. Mesmo o divórcio, embora seja considerado algo comum nas sociedades ocidentais, de modo geral, ainda afeta muitas mulheres no aspecto religioso.

Por outro lado, o empoderamento de personagens como Tamar (uma etíope com perfil empreendedor) e Éden, esposa de Pedro, são exemplos de mulheres com personalidade forte e independente. Elas são as representações mais próximas do perfil da mulher contemporânea, que busca seu espaço discursivo e seu lugar social em nível de igualdade com os homens. Mas, apesar dessa representação, Tamar e Éden também enfrentam dilemas próprios do universo feminino: Tamar tem que lidar com a questão da misoginia e da xenofobia por parte dos fariseus; Éden, por sua vez, amarga a frustração do aborto e os dilemas da vida conjugal.

De acordo com Lopes (1990, p. 37), nós nos comunicamos para afetar nosso interlocutor de alguma forma. Esse ato nunca é despretensioso ou linear, no sentido behaviorista do estímulo-resposta. Pelo contrário, existe uma dupla afetação, muito dinâmica. O objeto da comunicação “supõe a consciência do outro [reações] e autoconsciência (da

¹⁷ Cf. Episódio 5, Temporada 3 - *Limpa*. Tempo: 36m52s. Disponível em: <https://watch.thechosen.tv/video/184683594328>. Acesso em 10 Mar. 2026.

¹⁸ Cf. Episódio 5, Temporada 3 - *Limpa*. Tempo: 36m54s. Disponível em: <https://watch.thechosen.tv/video/184683594328>. Acesso em 10 Mar. 2026.

própria atuação e formas de expressão)”. E sendo a consciência o centro da relação entre obra e receptor, o cinema de Jenkins claramente considera o público contemporâneo ao enriquecer a narrativa com tais personagens femininas. Os dilemas vividos por elas se aproximam dos conflitos reais vividos na contemporaneidade.

Por fim, após essas análises, percebe-se que em cada encontro de Jesus com os mais diversos tipos de pessoas, os discípulos serão treinados para (des)aprender todas as práticas sociais e religiosas que limitam a relação deles com a alteridade. No processo de treinamento dos heróis escolhidos, muitos valores da tradição farisaica, que moldaram a percepção de mundo deles, serão confrontados em campo. Sem os embates pessoais entre os próprios discípulos e entre eles e os “outros” (alteridade), que os leva à (des)construção de si mesmos, parte da missão de Jesus fracassaria.

Assim, nas mais diversas representações do espaço-tempo de *The Chosen*, percebe-se como o cronotopo interno molda e caracteriza o cronotopo literário. O espaço-tempo no qual a obra se insere, porém, é determinante da categoria conteúdo-forma da obra de Jenkins. O tempo e o espaço internos visivelmente materializam o enredo literário. No sentido inverso, o cronotopo interno é moldado pelo atravessamento de vozes do século XXI, que reverberam na discussão de pautas sociais e valores considerados universais pelo cristianismo.

Para Arán (2009, p. 121–122), no que se refere ao cronotopo interno, “não se trata apenas de reconstruir contextos e atores do passado, mas de interpretá-los à luz do presente, tornando-os permeáveis a novos significados, ligados à consciência (autoral e leitora) de intérpretes situados em diferentes momentos”. Segundo o diretor Dallas Jenkins¹⁹, o estudo do contexto cultural da época de Jesus possibilitou criar enredos que se apresentassem plausíveis, verossímeis, no contexto contemporâneo.

Considerações finais

As discussões e análises apresentadas no texto revelam como a materialização do cronotopo interno da série *The Chosen* personifica os dramas humanos, aproximando a diegese filmica do espaço-tempo da vida real. A hipertextualização do discurso narrativo dos evangelhos ressignifica a mensagem do texto adaptado. As pautas e valores sociais discutidos põem em evidência tudo que sempre foi próprio do ser humano, em qualquer época: medos, preconceitos, anseios, dúvidas, falhas, desafios, religiosidade, erros e acertos. Esses temas não apenas aproximam o passado canônico da contemporaneidade, como possibilitam o dialogismo entre diferentes culturas.

A partir de uma visão mais humanizada, Jenkins realça todos os contornos da natureza humana, para tornar a série mais verossímil e interessante para a recepção, atendendo ao espírito da contemporaneidade, cheia de contradições e vieses culturais e ideológicos. A profundidade das personagens de *The Chosen* aproxima o espectador da obra, e as dicotomias,

¹⁹ CARNEIRO, Raquel. Criador de ‘The Chosen’ fala sobre ‘Jesus humanizado’ na série bíblica pop. Veja, 13/05/2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/em-cartaz/criador-de-the-chosen-fala-sobre-jesus-humanizado-na-serie-biblica-pop>. Acesso em: 25 mai. 2024.

pluralidades, anseios, dramas e superações são gatilhos que engajam o espectador com a narrativa filmica.

Para além das questões religiosas e de mero entretenimento, ao transmidar personagens e seus dramas de forma mais humanizada, buscando representar histórias com significados pessoais e relacionáveis, Jenkins nos convida a ver o mundo ao redor sob outra perspectiva: a da valorização da alteridade acima do ego. Essa é que é a mesma cosmovisão do Jesus histórico. Na jornada dos heróis escolhidos, a abordagem de temáticas sociais evidencia a persistência milenar de conflitos socioculturais, ainda presente em diversas partes do mundo. Judeus, samaritanos e romanos passam a simbolizar tanto a sociedade contemporânea quanto as dinâmicas de poder presentes ao longo da história.

A série não apenas expõe as fraquezas humanas – vícios, doenças emocionais, traumas e preconceitos –, como também promove a superação delas por meio de atos de altruísmo, compaixão, empatia e perdão – valores essenciais para a transformação pessoal e social do mundo em que vivemos. A simbologia é feita de maneira eficaz, gerando autoidentificação por patê do espectador. Não se propõe, contudo, a oferecer respostas simplistas para os sofrimentos da vida. A trajetória das personagens protagonistas mostra como é difícil vencer os medos, superar os traumas e a restaurar a confiança no outro, por exemplo. Isso funciona como um convite ao diálogo e à reflexão.

Faz parte do discurso narrativo de *The Chosen* a superação das diferenças pelo respeito e pela compaixão. Na representação da opressão de classes – judeus sobre samaritanos, romanos sobre judeus, fariseus sobre o povo –, as desigualdades que perpetuam sofrimentos no tempo real e histórico são retratadas em tela. Em todos esses contextos, o messias atua como um unificador, chamando seus escolhidos para transcenderem as diferenças sociais e pessoais, ainda que haja algum tipo de prejuízo pessoal.

O discurso narrativo não se limita a criticar os sistemas de opressão com viés ativista, a intencionalidade é oferecer soluções práticas por meio da compaixão, serviço ao próximo, resiliência e resistência pacífica para um mundo tão vasto de produção intelectual e material, mergulhado cada vez mais na inteligência artificial, mas ainda tão tímido na promoção de relações saudáveis e de boa convivência entre os diferentes. Os episódios que exploram a relação entre judeus e samaritanos, o cuidado com enfermos e atípicos, o relacionamento com os estrangeiros, a igualdade entre homens e mulheres e o respeito à dignidade ilustram como o discurso narrativo pode ampliar temas importantes na atualidade.

Como professores de linguagens, vemos como produtos audiovisuais, especialmente os adaptados, como *The Chosen*, são bons exemplos do poder de afetação do cinema sobre as emoções e para a promoção de valores que proponham o respeito, a dignidade e a tolerância social. O audiovisual é uma importante ferramenta na diversificação do trabalho pedagógico e para a formação de leitores mais críticos e criativos.

Referências

ARÁN, Olga Pampa. *Las cronotopías literarias en la concepción bajtiniana – su pertinencia en el planteo de una investigación sobre narrativa argentina contemporánea*. In: Dialogismo, monologismo y polifonia – Tópicos del Seminario, 21. Universidad Argentina de Córdoba. Enero-junio 2009, p. 119-141.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

BÍBLIA SAGRADA: versão missionária. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. Barueri, SP: SBB, 1999.

CARNEIRO, Raquel. *Criador de The Chosen fala sobre Jesus humanizado na série bíblica pop*. VEJA [edição online], 13/05/2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/em-cartaz/criador-de-the-chosen-fala-sobre-jesus-humanizado-na-serie-biblica-pop>. Acesso em: 29 mar. 2026.

CARROLL, Noël. *A philosophy of motion Picture – Foundations of the philosophy of the arts*. Blackwell Publishing, US, 2008.

FERMENTÃO, Cleide Aparecida Gomes Rodrigues; LESSA, Karyta Muniz de Paiva. *A construção axiológica e sua aplicabilidade para o direito da personalidade*. Revista Meritum, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 68-81, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://revista.fumec.br/index.php/meritum/article/view/7238/pdf>. Acesso em: 13 jan. 2025.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Letras, 2006.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Apicuri, 2016.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Trad. André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

TAX GATHERERS. In: JEWISH Virtual Library. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/tax-gatherers>. Acesso em 30 mar. 2026.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. (Org.). *Pesquisa em comunicação – formulação de um modelo metodológico*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MACHADO, Irene. *A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia*. In: Paula, Luciane de; Stafuzza, Grenissa (orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 203-234.

PAROSCHI, Wilson. *Atos: o triunfo do evangelho*. Tradução de Hander Heim. Tatuí/SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

RAMOS, Karen; SANTOS, Yuri Andrei Batista; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. *A caixa dentro da caixa: marcas cronotópicas do ciclo da violência contra a mulher em 'Bom Dia, Verônica'*. Afluente: Revista de Letras e Linguística, v. 9, n. 26, p. 1–21, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/24939> DOI: <http://doi.org/10.18764/2525-3441v9n26.2024.11>.

SANTOS, Yuri Andrei Batista. *Testemunhos autobiográficos no Brasil e na Áustria: uma análise contrastiva de discursos*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. SP: 2023. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-27022024155711/publico/2023_YuriAndreiBatistaSantos_VCorr.pdf.

SCHELER, Max. *Da reviravolta dos valores: ensaios e artigos*. Trad. de Marco Antonio dos Santos Casa Nova. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

SEGER, Linda. *El arte de la adaptación: cómo convertir hechos y ficciones en películas*. Alcalá/Madrid: Libros de Cine – Ediciones RIALP, 2007.

STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. Trad. de Fernando Mascarello. Campinas/SP: Papirus Editora, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2ª ed. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Data de submissão: 12/10/2025

Data de aceite: 25/03/2026